



SEÇÃO: COMUNIDADES ECLESIAIS MISSIONÁRIAS

## Evangelizadores com Espírito em Comunidades Eclesiais Missionárias

*Evangelizers with Spirit in Missionary Ecclesial Communities*

*Evangelizadores con Espíritu en las Comunidades Eclesiales Misioneras*

**Tiago de Fraga Gomes<sup>1</sup>**

[orcid.org/0000-0001-5437-2318](https://orcid.org/0000-0001-5437-2318)

[tiago.gomes@pucrs.br](mailto:tiago.gomes@pucrs.br)

**Antonio Luiz Catelan**

**Ferreira<sup>2</sup>**

[orcid.org/0000-0003-1432-3153](https://orcid.org/0000-0003-1432-3153)

[catelan@puc-rio.br](mailto:catelan@puc-rio.br)

**Patrícia Ribolli Fachin<sup>1</sup>**

[orcid.org/0009-0003-8414-4895](https://orcid.org/0009-0003-8414-4895)

[fachinpr@gmail.com](mailto:fachinpr@gmail.com)

**Recebido em:** 31 jul. 2023.

**Aprovado em:** 14 ago. 2023.

**Publicado em:** 27 out 2023.

**Resumo:** A presente pesquisa busca apresentar elementos para a ação evangelizadora da Igreja em Comunidades Eclesiais Missionárias à luz da pneumatologia do Papa Francisco, a fim de contribuir para o enfrentamento da ruptura geracional na transmissão da fé. Pretende-se refletir sobre a relevância de fomentar evangelizadores que vivam a santidade no Espírito e encarnada, inspirados na recepção do Concílio Vaticano II, nas exortações apostólicas *Evangelii Gaudium* e *Gaudete et Exsultate* do Papa Francisco e nas Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja do Brasil propostas pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil para 2019-2023, as quais vigoram até 2025. Pretende-se culminar com uma reflexão sobre os desafios que o tema da sinodalidade propõe para a vida da Igreja atual.

**Palavras-chave:** Evangelização; Igreja; Papa Francisco; Comunidades Eclesiais Missionárias; Sinodalidade.

**Abstract:** This research seeks to present elements for the evangelizing action of the Church in Ecclesial Missionary Communities in the light of Pope Francis' pneumatology, in order to contribute to confronting the generational rupture in the transmission of the faith. It is intended to reflect on the relevance of encouraging evangelizers who live holiness in the Spirit and incarnate, inspired by the reception of the Second Vatican Council, in the apostolic exhortations *Evangelii Gaudium* and *Gaudete et Exsultate* of Pope Francis and in the General Guidelines of the Evangelizing Action of the Church of Brazil proposals by the National Conference of Bishops of Brazil for 2019-2023, which are in force until 2025. It is intended to culminate with a reflection on the challenges that the theme of synodality proposes for the life of the Church today.

**Keywords:** Evangelization; Church; Pope Francis; Missionary Ecclesial Communities; Synodality.

**Resumen:** Esta investigación busca presentar elementos para la acción evangelizadora de la Iglesia en las Comunidades Eclesiales Misioneras a la luz de la pneumatología del Papa Francisco, a fin de contribuir a enfrentar la ruptura generacional en la transmisión de la fe. Se pretende reflexionar sobre la pertinencia de animar a los evangelizadores que viven la santidad en el Espíritu y encarnados, inspirados en la recepción del Concilio Vaticano II, en las exhortaciones apostólicas *Evangelii Gaudium* y *Gaudete et Exsultate* del Papa Francisco y en las Directrices Generales de la Acción Evangelizadora de la Iglesia de Brasil propuestas por la Conferencia Nacional de Obispos de Brasil para 2019-2023, que están vigentes hasta 2025. Se pretende culminar con una reflexión sobre los desafíos que el tema de la sinodalidad propone para la vida de la Iglesia actual.

**Palabras clave:** Evangelización; Iglesia; Papa Francisco; Comunidades Eclesiales Misioneras; Sinodalidad.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença  
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

### Introdução

Um dos diagnósticos do Papa Francisco sobre os *sinais dos tempos* que incidem fortemente na vida da Igreja atual diz respeito ao fato de

<sup>1</sup> Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil.

<sup>2</sup> Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

que muitos cristãos não batizam mais seus filhos, não os ensinam a rezar, nem se identificam mais com a tradição católica, o que ocasiona uma ruptura geracional na transmissão da fé, conforme *Evangelii Gaudium* (EG, n. 70). O Papa Francisco, no *Discurso à Cúria Romana na apresentação dos Votos Natalícios*, em 2018, afirma que há uma "profunda crise de fé" que atingiu muitas pessoas. A fé "é negada, depreciada, marginalizada", e já não é mais um pressuposto na vida de muitos. Essa situação requer da Igreja uma nova evangelização, uma vez que a transmissão da fé já não é mais uma realidade pressuposta entre muitas famílias e comunidades cristãs.

No início de 2018, no *Encontro privado com os sacerdotes da Companhia de Jesus* (2018), o Papa Francisco já havia defendido que a evangelização requer o enfrentamento e a superação do "mundanismo espiritual, o maior mal da Igreja hoje", o qual consiste em "buscar, em vez da glória do Senhor, a glória humana e o bem-estar pessoal" (EG, n. 93). O mundanismo espiritual é alimentado pelo neognosticismo, para o qual "apenas interessa uma determinada experiência" ou um conjunto de raciocínios, e pelo neopelagianismo, que consiste na atitude autorreferencial, em que a pessoa "só confia nas suas próprias forças e se sente superior aos outros por cumprir determinadas normas ou por ser irredutivelmente fiel a um certo estilo católico próprio do passado" (EG, n. 94). As consequências para a ação evangelizadora do mundanismo espiritual, nutrido pelo neognosticismo e pelo neopelagianismo, são nefastas. A cura deste mundanismo que entranha a vida da Igreja e, por conseguinte, da sua atividade evangelizadora, dependem da ação do Espírito Santo (EG, n. 97). As tentações do neognosticismo e do neopelagianismo são abordadas de modo especial pelo Papa Francisco na exortação apostólica *Gaudete et Exsultate* (GE).

O capítulo quinto da exortação apostólica *Evangelii Gaudium* – texto programático do pontificado de Francisco, publicado em 2013, com foco no tema do anúncio do Evangelho no mundo atual –, intitula-se *Evangelizadores com Espírito* e resgata, de certa forma, a dimensão

pneumatológica da Igreja, marca característica do Magistério do atual pontífice. Em continuidade com os ensinamentos do Concílio Vaticano II (1962-1965), especialmente das constituições *Lumen Gentium* (LG) e *Gaudium et Spes* (GS), que fazem um apelo à renovação do ser e do agir da Igreja nos tempos atuais, dando sequência à exortação apostólica *Evangelii Nuntiandi*, publicada em 1975 pelo Papa Paulo VI, cuja preocupação fundamental refere-se ao andamento da evangelização no mundo contemporâneo, e a Conferência de Aparecida (2007) do Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM), da qual foi um dos redatores do documento final, o Papa Francisco faz um apelo à conversão pessoal dos cristãos, em um encontro renovado com Cristo, para a vivência da santidade no cotidiano e para o desenvolvimento de uma nova pastoral que fomente um autêntico discipulado missionário, a fim de dar prosseguimento à renovação da Igreja, na qual cada batizado é um sujeito ativo na ação evangelizadora (GOMES; BRUSTOLIN; DALL OSTO, 2023, p. 91). Nesse sentido, o Papa Francisco exorta todos os cristãos a serem verdadeiramente *evangelizadores com Espírito* a fim de se constituírem em "evangelizadores que se abram sem medo à ação do Espírito Santo" (EG, n. 259).

Soma-se a isso o apelo do Papa Francisco por uma Igreja toda sinodal, tema refletido em seu discurso de 2015 por ocasião da comemoração dos 50 anos da instituição do Sinodo dos Bispos, criado pelo Papa Paulo VI para ser uma instância de recepção do Concílio Vaticano II para a vida da Igreja. A Comissão Teológica Internacional, em 2018, vai aprofundar o tema da sinodalidade e, daí em diante, esse tema será tratado abundantemente na teologia como um novo desafio teológico e pastoral de toda a Igreja católica. Como fruto deste apelo pneumatológico-missionário e sinodal, a Igreja do Brasil tem refletido, em suas Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora (DGAE) de 2019-2023 – as quais vigoram até 2025 –, sobre o tema da renovação da vida comunitária, propondo que a ação evangelizadora aconteça na dinâmica de Comunidades Eclesiais Missionárias

(CEM). O tempo atual exige da Igreja criatividade e novas estratégias para a sua ação evangelizadora, a fim de ser uma Igreja totalmente sinodal e inserida na vida das pessoas e da sociedade hodierna.

Com o intuito de refletir sobre os desafios mencionados, a presente pesquisa pretende seguir o seguinte itinerário: apresentar a perspectiva pneumatológica do Papa Francisco, em especial, a partir da exortação apostólica *Evangelii Gaudium*; trabalhar o chamado à santidade enquanto dinâmica pneumatológica e encarnada, e os impedimentos para a vivência pessoal e comunitária da santidade na ação evangelizadora da Igreja, à luz da exortação apostólica *Gaudete et Exsultate*; e almeja-se culminar a reflexão abordando o apelo do Papa Francisco e das atuais Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja do Brasil, tratando da importância de evangelizar com Espírito em Comunidades Eclesiais Missionárias, em vista de uma Igreja totalmente sinodal e missionária.

## 1 Evangelizar com Espírito

A exortação apostólica *Evangelii Gaudium* do Papa Francisco adverte os cristãos que "parecem ter escolhido viver uma Quaresma sem Páscoa" (EG, n. 6) e, ao mesmo tempo, é um convite aos batizados para comunicarem a alegria do Evangelho aos outros, colocando-se a caminho, em missão, em atitude de serviço e autodoação. Mais precisamente, o capítulo quinto da *Evangelii Gaudium* refere-se à necessidade de uma nova evangelização e de evangelizadores com Espírito. Na prática, esta nova evangelização consiste em "uma evangelização com o Espírito Santo, já que Ele é a alma da Igreja evangelizadora", e requer "evangelizadores que rezam e trabalham" (EG, n. 261). Nessa perspectiva, a nova evangelização resgata dois elementos centrais da Tradição da mística cristã, que se retroalimentam: contemplação e ação (EG, n. 262).

A *contemplatio*, segundo os padres da Igreja, é o conhecimento íntimo de Deus, que se dá através da união da alma com "o mistério de Deus Pai que se manifesta no Filho, por meio do Espírito" (BORRIELLO, 2003, p. 261), na oração.

Segundo Bernard (2014, p. 35), o mistério trinitário "transforma radicalmente a posição espiritual do homem, pois revela que o Absoluto, o Vivo, é uma realidade que se explicita pelas relações entre as Pessoas, relações das quais o homem é chamado a participar". Essa experiência conduz à consciência espiritual, que se desdobra em ações cotidianas de caridade, que são mediações para a santificação e a união com Deus. Bernard (2014, p. 104) exemplifica essas ações como: "a relação com o próximo, os compromissos sociais e políticos, o trabalho, a vida familiar e a vida sacramental", no sentido de que "toda relação de caridade efetiva com o próximo é cumprimento de uma vontade especial de Deus, da forma como aparece no novo mandamento" (BERNARD, 2014, p. 105).

A nova evangelização também interliga cinco dimensões da vida cristã, a saber: pessoal, doxológica, comunitária, missionária e mariológica. A primeira depende da própria experiência pessoal do batizado com Cristo. Trata-se de evangelizar com "ardor", porque se está convencido do sentido e significado que o encontro real com o ressuscitado confere à própria vida, transformando-a (EG, n. 266). Evangeliza-se, igualmente, porque, imitando e seguindo Cristo, o cristão procura realizar todas as ações tal como fez o Mestre, isto é, para "a glória do Pai", já que Ele é o sentido último de toda a existência (EG, n. 267). A terceira dimensão da evangelização é a vida comunitária porque, assim como Cristo, é preciso estar perto de todos, na comunidade, entendida em sentido *lato* e local, onde manifestam-se a miséria humana, seus dramas e suas feridas (EG, n. 270, 296), mas também o exercício das virtudes cristãs, pois é na comunidade que o cristão se oferece à Trindade em amor, serviço, autodoação e oblação, em outras palavras, em sacrifício vivo. Do mesmo modo, o evangelizador precisa ser missionário, compreender-se como tal e, para tanto, é fundamental sair de si mesmo e confiar na ação e condução do Espírito Santo para dar-se aos outros e estar com os outros (EG, n. 272-273, 280), efetivando em si mesmo o que lhe foi dito: "Ide por todo o mundo, proclamai o Evangelho a

toda criatura", segundo Marcos (Mc 16,15). Por fim, como Maria está junto com o Espírito e é modelo da Igreja evangelizadora, sem ela é impossível "compreender cabalmente o espírito da nova evangelização" (EG, n. 284).

A vivência dessas cinco dimensões no processo de evangelização requer duas posturas de cada batizado: revestir-se do homem novo e reconciliar-se com Deus (EG, n. 2), porque "Jesus quer evangelizadores que anunciem a Boa-Nova não só com palavras, mas sobretudo com uma vida transfigurada pela presença de Deus" (EG, n. 259). A reconciliação se dá por intermédio da Igreja, no sacramento da Eucaristia, que "nos liberta das faltas cotidianas", conforme *Catechismus Ecclesiae Catholicae* (CEC, n. 1436) e, mais precisamente, pelo sacramento da Reconciliação ou Penitência, através do qual o cristão manifesta seu arrependimento a Deus pelos pecados e ofensas cometidos, obtendo dele a misericórdia, o perdão e a paz (CEC, n. 1421-1423). Ser fiel à mensagem do Evangelho, "eixo central da evangelização", segundo *Evangelii Nuntiandi* (EN, n. 4), e viver segundo o Reino de Deus, exigem também do evangelizador uma "transformação do seu interior que o Evangelho designa como *metanoia*, uma conversão radical, uma modificação profunda da maneira de ver e do coração" (EN, n. 10). Para que haja uma nova humanidade, antes, é necessário o *homem novo* que se deixa transformar pela ação do Espírito Santo e do Evangelho (EN, n. 18).

A conversão se manifesta no plano pessoal e comunitário. No primeiro, o testemunho de vida é o elemento primordial através do qual a Boa Nova é proclamada (EN, n. 21), isto é, com "uma verdadeira santidade de vida, alimentada pela oração e sobretudo pelo amor à Eucaristia" (EN, n. 75). No segundo, com "zelo evangelizador", busca-se viver não como "homens divididos e separados por litígios que nada edificam", mas como "pessoas amadurecidas na fé, capazes de se encontrar para além de tensões que se verifiquem, graças à procura comum, sincera e desinteressada da verdade" (EN, n. 77). Nesses dois âmbitos, o próprio evangelizador precisa

ser uma testemunha autêntica (EM, n. 76). A autenticidade do testemunho da pessoa evangelizadora, segundo a *Evangelii Nuntiandi*, é um critério importante no processo de evangelização, pois, no tempo atual, as pessoas têm "sede de autenticidade", sobretudo, por parte dos jovens que "têm horror ao fictício, àquilo que é falso e que procuram, acima de tudo, a verdade e a transparência" (EN, n. 76). O contratestemunho é um dos fatores que afastam as pessoas da Igreja, seja quando elas próprias não acreditam nem vivem o que lhes é ensinado, seja quando não veem, no testemunho dos evangelizadores, respostas afirmativas às seguintes questões: "Acreditais verdadeiramente naquilo que anunciais? Viveis aquilo em que acreditais? Pregais realmente aquilo que viveis?" (EN, n. 75).

Como evangelizar em cada situação particular? Esta será sempre uma questão atual e desafiadora para a Igreja, considerando as circunstâncias do tempo, as culturas e a capacidade criativa dos envolvidos (EN, n. 40). No entanto, o fato decisivo é que "nunca será possível haver evangelização sem a ação do Espírito Santo" (EN, n. 75). Por isso, a exortação apostólica do Papa Paulo VI enfatiza a necessidade de uma vida de oração. Os evangelizadores têm que pedir "sem cessar ao Espírito Santo fé e fervor" e, em atitude de docilidade, "deixarem-se prudentemente guiar por ele, qual inspirador decisivo dos seus planos, das suas iniciativas e da sua atividade evangelizadora" (EN, n. 75). Por este mesmo viés, o Papa Francisco afirma, na *Evangelii Gaudium*, que é o Espírito Santo quem "infunde a força para anunciar a novidade do Evangelho com ousadia (*parresia*), em voz alta e em todo o tempo e lugar, mesmo contracorrente" (EG, n. 259).

O Papa Francisco está convicto de que "é preciso que o nosso zelo evangelizador brote de uma verdadeira santidade de vida, alimentada pela oração e sobretudo pelo amor à Eucaristia" (EN, n. 76). Entretanto, a questão feita por muitos cristãos, na atualidade, é a seguinte: em que consiste a verdadeira santidade de vida? Que fatores a possibilitam e o que a impede de ser vivida no cotidiano? Na *Gaudete et Exsultate*, o

Papa Francisco reflete sobre essas perguntas, tão pertinentes e fundamentais, e elenca alguns elementos que dificultam esse modo de vida, mas, igualmente, apresenta caminhos para vivê-lo de modo encarnado. Essas questões serão examinadas a seguir.

## 2 Santidade no Espírito e encarnada

O modelo de santidade ao qual a *Gaudete et Exsultate* exorta a Igreja a viver é o da vida concreta dos santos, que consiste, primeiramente, em viver em completa união com Cristo e seus mistérios (GE, n. 20), para que Ele nos conduza à "caridade plenamente vivida" (GE, n. 21). A santidade não consiste somente em imitá-Lo em suas ações, mas "em viver em união com Ele os mistérios da sua vida; consiste em associar-se de uma maneira única e pessoal à morte e ressurreição do Senhor, em morrer e ressuscitar continuamente com Ele" (GE, n. 20). Trata-se, portanto, de modelar a própria vida segundo a vida de Cristo (GE, n. 21), tornando Cristo o centro do nosso viver. Os santos, segundo Balthasar (1964, p. 235), foram aqueles que se empenharam em um esforço pessoal para viver a santidade; "representaram em sua vida a plenitude da doutrina e em sua doutrina, a plenitude da vida da Igreja", vivenciando uma espiritualidade que "conserva um caráter de serviço" (BALTHASAR, 1964, p. 246).

Os santos abriram-se à união com Deus por meio do exercício da ascese, com o intuito de alcançar uma perfeição pessoal progressiva. Na experiência cristã, tal prática "tende à adaptação sistemática de toda a vida do crente à imagem e semelhança de Deus, inscrita na alma no momento da criação; é o esforço para harmonizar a vida com fé por meio de uma morte contínua de cruz" (BORRIELLO, 2003, p. 112). De outra parte, os santos foram tocados pela graça, que "apodera-se de todo o ser humano", iluminando-o inteiramente: a inteligência e as ações em direção ao bem e "à prática do duplo mandamento do amor" (GALOT, 2003, p. 462) – "Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu entendimento. Este é o maior e o primeiro mandamento. O segundo é semelhante a esse:

Amarás o teu próximo como a ti mesmo"(Mt 22,37-39) –, transformando os sentimentos através de uma iluminação que penetra toda a vida do sujeito, "nas regiões mais obscuras do sentimento e do subconsciente humano" (GALOT, 2003, p. 462), abrindo-as à luz do alto.

O modelo de santidade expresso na *Gaudete et Exsultate* consiste em viver conforme Cristo, na oblação de si mesmo, de acordo com o Sermão da Montanha (Mt 5-7) (GE, n. 63-64). A santidade é resumida em oito pontos, a saber: 1) ser pobre no coração; 2) reagir com humilde mansidão; 3) saber chorar com os outros; 4) buscar a justiça com fome e sede; 5) olhar e agir com misericórdia; 6) manter o coração limpo de tudo o que mancha o amor; 7) semear a paz ao nosso redor; 8) abraçar diariamente o caminho do Evangelho, mesmo que nos acarrete problemas. A *Gaudete et Exsultate* também apresenta cinco exemplos de santidade no Espírito e encarnada: 1) tolerância, paciência e mansidão; 2) alegria e sentido de humor; 3) ousadia e ardor; 4) em comunidade; 5) em oração constante.

*Tolerância, paciência e mansidão* são fruto da graça, que concede firmeza interior à pessoa, impedindo-a de dar continuidade a todos os tipos de violência que permeiam a vida social. Ao invés de ser gerador de violência, aquele que recebe esta graça, a suporta, inclusive com humilhação, e a oferece a Deus (GE, n. 116). "Se não fores capaz de suportar e oferecer a Deus algumas humilhações, não és humilde nem estás no caminho da santidade", porque "a santidade que Deus dá à sua Igreja, vem através da humilhação do seu Filho; este é o caminho" (GE, n. 118). Esta graça aplaca a vaidade humana e torna o coração manso, capaz de imitar Cristo na sua própria humilhação (GE, n. 116). *Alegria e sentido de humor* são dons do Espírito Santo, concedidos quando se permite que o Senhor nos arranque de nós mesmos para vivermos na alegria da união com o Amado. Não se trata de uma alegria eufórica e ingênua que perde o realismo da vida. Ao contrário, quem recebe essas graças ilumina os demais com a esperança (GE, n. 122). *Ousadia e ardor* são as marcas dos "missionários

apaixonados" por "comunicar a verdadeira vida" com "impulso evangelizador" (GE, n. 129, 138). *Em comunidade* é um dos critérios para viver a santidade na medida em que a santidade "é um caminho comunitário", pois é na convivência e no relacionamento com os outros que se cresce espiritualmente, exercita-se nas virtudes e superam-se os vícios (GE, n. 141). *Em oração constante* é outro critério para a vivência da santidade. A oração garante a abertura à transcendência; é o modo de se relacionar pessoalmente com a Trindade. Os santos têm um "espírito orante", obedecem ao mandamento evangélico de orar sem cessar, estando em contínua comunicação com Deus (GE, n. 147).

Esses exemplos referem-se à *santidade no Espírito e encarnada*, pois indicam ações concretas, cotidianas, possíveis de serem praticadas na medida em que se deixa iluminar pela Trindade, que purifica os vícios, faz crescer nas virtudes e, igualmente, concede dons que transcendem o exercício humano das virtudes, permitindo atitudes heroicas, como o martírio, que é a manifestação da caridade em sua perfeição. A santidade no Espírito e encarnada é um modo de vida decorrente da relação com a Trindade, isto é, consiste em uma sinergia teândrica entre a ação humana e a divina, através da qual a Trindade transforma internamente cada pessoa. A efetivação da santidade é um caminho a ser percorrido, no qual cada um se predispõe a ser transformado pela ação do Espírito Santo, em diálogo contínuo com o Senhor. Esse modo de vida manifesta, na prática, o anúncio de Cristo. Apesar desses aspectos elencados pela *Gaudete et Exsultate* integrarem a vida da Igreja, ainda há certa dissociação, na prática, entre o ideal do Evangelho e o testemunho cotidiano pessoal e comunitário dos cristãos. Nesse sentido, importa examinar o que tem impedido a vivência concreta da santidade.

### 3 Impedimentos para a vivência da santidade na ação evangelizadora

Na *Gaudete et Exsultate* são apresentadas duas ideologias que dificultam a vivência da santida-

de na atualidade, cujas origens remontam às discussões patrísticas dos primeiros séculos: o neognosticismo e o neopelagianismo (GE, n. 35). Segundo o Papa Francisco, o gnosticismo atual é marcado por uma fé estritamente subjetiva, decorrente de um arrazoado de raciocínios que mantêm os fiéis presos aos seus pensamentos e sentimentos (GE, n. 36), em detrimento do exercício concreto da caridade, virtude que conduz à santidade. O neognosticismo impossibilita a santidade, pois impede a vivência de uma espiritualidade encarnada, expressa na caridade que se manifesta no encontro e na prática da alteridade e da empatia com o sofrimento humano. O ponto nevrálgico diz respeito ao fato de que o gnóstico do tempo presente é "incapaz de tocar a carne sofredora de Cristo nos outros" (GE, n. 37). Já a mentalidade pelagiana, por sua vez, confia excessivamente no esforço pessoal, na vontade humana, duvidando da graça de Deus que vem em socorro da fragilidade e da fraqueza pessoal de cada um (GE, n. 38-39). As consequências decorrentes do neopelagianismo são a crise de fé, a falta de oração e a descrença em relação à providência divina.

Ambas as ideologias refletem a dificuldade de viver plenamente os dois mandamentos de Cristo: amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo, e são decorrentes dos vícios humanos. Segundo Tanquerey (2018, p. 346), um dos vícios mais desafiadores é o orgulho, que tem na raiz o entendimento de que o ser humano é o "primeiro princípio de si mesmo", considerando-se deus para si mesmo e esquecendo-se que os dons naturais e sobrenaturais que possui foram dados por graça divina. Tanquerey (2018, p. 348) afirma que o orgulho leva as pessoas a agirem "por egoísmo, pelos seus próprios interesses", fazendo que pouco se importem "com a glória de Deus e menos ainda com o bem do próximo". Para Tanquerey (2018, p. 129), a pessoa humana, na medida em que esquece que Deus é seu primeiro princípio e fim último de sua vida, "tem excesso de autoestima, considera as suas qualidades, reais ou supostas, como unicamente suas, sem referi-las a Deus. Disso decorre: um espírito

de independência ou de autonomia”, que leva as pessoas a não se referirem ou se submeterem à autoridade divina.

A sobreposição dessas duas ideologias ao Evangelho tem uma implicação direta na vivência da santidade, mas também no processo de evangelização na medida em que conduz “a dois erros nocivos” (GE, n. 100), isto é, interpretações errôneas acerca da vida cristã. O primeiro deles é a separação entre a prática do Evangelho e o relacionamento pessoal com Cristo, que se dá através da oração. A partir dessa má interpretação, “transforma-se o cristianismo em uma espécie de Organização não Governamental (ONG), privando-o daquela espiritualidade irradiante que, tão bem, viveram e manifestaram São Francisco de Assis, São Vicente de Paulo, Santa Teresa de Calcutá” (GE, n. 100). O segundo erro é suspeitar do compromisso social das pessoas, “considerando-o algo de superficial, mundano, secularizado, imanentista, comunista, populista” (GE, n. 101). Esquece-se que a vida de santidade comporta fé e prática, ou seja, oração e ação.

Mais do que um espiritualismo desencarnado ou um ativismo imanentista, para a nova evangelização “não servem propostas místicas desprovidas de um vigoroso compromisso social e missionário, nem os discursos e ações sociais e pastorais sem uma espiritualidade que transforme o coração” (EG, n. 262). A evangelização que opta por uma única via, mutila e desfigura o Evangelho, desagrega a Igreja e atende somente a pequenos grupos. Para a evangelização com Espírito, “é preciso cultivar sempre um espaço interior que dê sentido cristão ao compromisso e à atividade” (EG, n. 262). Viver e evangelizar com o Espírito Santo exige “momentos prolongados de adoração, de encontro orante com a Palavra, de diálogo sincero com o Senhor” (EG, n. 262). Do contrário, as tarefas evangelizadoras “facilmente se esvaziam de significado” e “o ardor apaga-se” na vida dos cristãos (EG, n. 262). A Igreja inspira sua vitalidade com seus dois pulmões: com a oração e a ação, através das quais o Espírito de Deus continua a animar a vida das comunidades cristãs, constituindo-as no mundo como Comu-

nidades Eclesiais Missionárias.

#### 4 Evangelizar com Espírito em Comunidades Eclesiais Missionárias

Inspirando-se no Magistério do Papa Francisco e na caminhada da Igreja brasileira e latino-americana, as Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora (DGAE) da Igreja do Brasil (2019-2023) assumem os desafios do tempo atual – entre eles, a transmissão integral da fé em uma cultura em rápidas e profundas mudanças – como motivação para a renovação das forças missionárias da Igreja. Assume-se a complexidade da realidade urbana, com suas luzes e sombras, e nutre-se a esperança de que a evangelização centrada no encontro com Cristo, animado e referenciado na vida comunitária, pode surtir efeitos positivos para a vivência da santidade no cotidiano das pessoas. A imagem da casa, assumida pelas DGAE, acentua: perspectivas pessoais, comunitárias, sociais e ambientais; um lar precisa da cooperação de todos; maior proximidade entre as pessoas; necessidade de a Igreja se fazer presente onde as pessoas estão em um duplo movimento de entrar e sair, acolher e enviar. Para as DGAE, a comunhão e a missão da Igreja se embasam em quatro pilares: Palavra, Pão (liturgia e espiritualidade), Caridade e Ação Missionária.

As DGAE se inserem na tradição pastoral da Igreja do Brasil, constituindo-se como uma expressão significativa de colegialidade e missionariedade eclesial, e devem se tornar, cada vez mais, um caminho de sinodalidade. As DGAE exercem o papel de compromissos pastorais e evangelizadores a serem assumidos e encarnados em cada realidade, inspirando processos de planejamento pastoral. A grande novidade e contribuição das atuais DGAE é a insistência na formação de Comunidades Eclesiais Missionárias como resposta e prioridade da ação pastoral e evangelizadora da Igreja, e como referencial concreto para a conversão pastoral no contexto urbano (AQUINO JÚNIOR, 2019). A Igreja precisa estar atenta aos sinais dos tempos (GS, n. 4), em atitude de abertura às interpelações que as realidades humanas e sociais apresentam (GOMES,

2021, p. 338). A conversão pastoral e missionária, conforme Documento de Aparecida (DAP, n. 370) é um desafio irrenunciável para a Igreja e implica na formação de CEM, em comunhão paroquial e diocesana, oferecendo um ambiente humano de proximidade e confiança, para a partilha de experiências, ajuda mútua e inserção concreta nas mais variadas situações.

Segundo as DGAE, a missão é o eixo fundamental das CEM que se formam em ruas, condomínios, aglomerados, edifícios, unidades habitacionais, bairros populares, povoados, aldeias e grupos por afinidades, comunhão e em rede, vencendo o anonimato e a solidão, e promovendo a mútua-ajuda, em abertura para a sociedade e para o cuidado da Casa Comum. As CEM dão capilaridade à atividade pastoral e evangelizadora das tradicionais comunidades existentes; são ambientes propícios para: escutar a Palavra de Deus, viver a fraternidade, animar a oração, aprofundar processos de iniciação e de formação continuada da fé, e de fortalecimento do compromisso com o apostolado na sociedade. O ministério da coordenação por leigos e leigas é um serviço eclesial que requer um senso de pertença e amor à Igreja. O ministério ordenado é responsável pelo cuidado e animação das CEM, promovendo a unidade, a descentralização e os ministérios, em comunhão com o Conselho de Pastoral Paroquial (CPP) e o Conselho para Assuntos Econômicos (CAE).

Parte-se da necessidade de um renovado anúncio do Evangelho de Jesus Cristo. As DGAE da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) reconhecem ser importante e indispensável recuperar o frescor original do Evangelho. Renovar o encontro pessoal com Cristo provoca a conversão, leva ao discipulado, gera comunidade e impele à missão. O horizonte do Reino de Deus, centro da vida de Jesus Cristo e da Igreja, requer acolhida, compromisso e colaboração. À luz da *Evangelii Gaudium* e da *Gaudete et Exsultate*, as DGAE trabalham o neognosticismo e o neopelagianismo como distorções, fruto da prepotência e da autossuficiência humana, intelectual e operativa. Anunciar e testemunhar o amor de Deus

revelado em Jesus Cristo é o centro da missão da Igreja, e isso leva a conjugar *vida fraterna* e *testemunho de santidade* na certeza de que é urgente um testemunho mais eloquente de Cristo no agir e no conviver, pois a missão eclesial, que tem sua fonte e origem em Deus Trindade, consiste em um anúncio que se traduz em palavras e gestos, sendo este impulsionado pelo Espírito Santo, alma da Igreja evangelizadora, que a renova e impele a sair de si mesma. Graças à ação do Espírito, a missão da Igreja não se realiza por proselitismo, mas por atração, sendo a vivência da conversão e da santidade o programa pastoral eclesial por excelência.

A nomenclatura CEM surge como expressão da ampla caminhada eclesial latino-americana. Além de estar em consonância com a eclesiologia das conferências do CELAM, o termo mostra-se comprometido com a reforma missionária proposta pelo Papa Francisco (EG, n. 27-30), não tendo a intenção de desvalorizar a longa ou mais recente caminhada de nenhuma experiência comunitária eclesial no Brasil, mas, sim, visando incluir a histórica variedade de experiências que está expressa nas dioceses e prelazias brasileiras. Quanto aos conceitos *comunidade*, *eclesial* e *missionária*, ressalta-se: a) *comunidade*: a fé cristã fundamenta-se na experiência comunitária de Jesus Cristo; não há como ser discípulo sem participar de uma comunidade; a *boa-nova* da fraternidade em Cristo, testemunhada pelas CEM, constitui remédio e antídoto para a sociedade atual, que sofre com uma profunda crise de valores, como o individualismo e a falta de empatia; b) *eclesial*: comunidade batismal e eucarística, reunida em nome da Santíssima Trindade, é composta por discípulos de Jesus Cristo; mostra que a comunidade cristã não nasce de baixo, mas do alto; é dom do Espírito Santo; as CEM propiciam a experiência de fraternidade cristã em torno da Palavra e da Eucaristia; c) *missionária*: não é um acréscimo extrínseco à Igreja, mas sua própria natureza, conforme *Ad Gentes* (AG, n. 2); a missionariedade vence o fechamento e os fundamentalismos avessos ao diálogo; é critério para o estabelecimento de uma eclesialidade sólida.



É preciso aprofundar conceitualmente e na prática o que caracteriza as CEM. Dentre alguns aspectos teológicos e pastorais, é possível indicar que as CEM são: a) animadas pastoralmente pelas Sagradas Escrituras; b) comprometidas com a mensagem e a obra de Jesus Cristo; c) inspiradas nas primeiras comunidades cristãs; d) sensíveis à promoção da amizade social, *Fratelli Tutti* (FT), e ao cuidado com a Casa Comum, *Laudato Si'* (LS); e) promotoras de uma vivência comunitária e sinodal; f) orantes e construtoras de uma liturgia em sintonia com a vida da Igreja paroquial e diocesana; g) abertas ao diálogo ecumênico e inter-religioso. Como resultados práticos, o que se espera das CEM são *vidas transformadas* e uma *Igreja atuante* na sociedade de modo mais capilarizado, como uma Igreja totalmente sinodal e missionária.

## 5 Por uma Igreja totalmente sinodal em comunhão, participação e missão

O fomento da vida comunitária é fundamental na vida cristã e visa promover a comunhão, a participação e a missão de todos os cristãos. O Concílio Vaticano II iniciou um processo importante dentro da Igreja ao fomentar a colegialidade e ao inspirar, em seu processo de recepção, uma dinâmica crescente de sinodalidade, conforme *Commissione Teologica Internazionale* (CTI, n. 5). O pontificado de Francisco tem sido uma instância de recepção criativa da renovação conciliar e, entre as dimensões mais trabalhadas recentemente, está o resgate da sinodalidade (CTI, n. 9) como uma dimensão constitutiva de toda a Igreja. A palavra *σύνοδος*, composta pela preposição *σύν* e pelo substantivo *ὄδος*, indica o caminho tomado junto pelos membros do povo de Deus (CTI, n. 3). De certa forma, relaciona-se com o termo hebraico *קהל* (*qahal*), que se refere à assembleia chamada pelo Senhor, traduzido para o grego como *ἐκκλησία*, que designa no Novo Testamento a convocação escatológica do povo de Deus (CTI, n. 4).

A dimensão ou dinâmica sinodal é uma experiência sólida nos primeiros séculos da Igreja cristã. Inácio de Antioquia, no início do segundo

século, descreve a consciência sinodal das várias Igrejas locais, afirmando que todos os seus membros são *σύνοδοι*, companheiros de viagem, em virtude da dignidade batismal e amizade com Cristo. Cipriano de Cartago, em meados do terceiro século, defende que o princípio episcopal e sinodal deve governar a vida e a missão da Igreja no nível local e universal, e que nada deve ser feito na Igreja local sem o Bispo, sem o conselho de presbíteros e diáconos e sem o consentimento do povo (CTI, n. 25). João Crisóstomo, entre o final do quarto século e início do quinto, escreve que a Igreja é o nome que indica caminhar juntos (*σύνοδος*) (CTI, n. 3).

Na atualidade, a retomada da dimensão sinodal na vida da Igreja, é expressão de comunhão, participação e missão, que se desdobra em abertura à ação do Espírito Santo, acolhida do *sensus fidei* do povo de Deus, disposição à escuta e fomento da alteridade e do diálogo. Essas dinâmicas teológicas sustentam e incentivam novas posturas pastorais, como a diaconia e solidariedade, o dinamismo e a processualidade pastoral, uma nova projeção e gestão da ação pastoral. A seguir, busca-se refletir sobre cada uma dessas expressões e disposições fomentadas pela dinâmica sinodal na vida da Igreja.

*Sinodalidade é expressão de comunhão*. Todas as estruturas da Igreja são justificadas na medida em que servem à comunhão (MIELE, 2020, p. 179). "Na visão católica e apostólica da sinodalidade, existe recíproca implicação entre a *communio fidelium*, a *communio episcoporum* e a *communio ecclesiarum*" (CTI, n. 66). Miranda (2022, p. 26) afirma que "a noção de 'sinodalidade' sintetiza e concretiza muitos aspectos da Igreja como comunhão". Enquanto *modus vivendi et operandi* do povo de Deus, a sinodalidade é dimensão constitutiva da Igreja. Embora o termo não esteja explícito no Concílio Vaticano II, pode-se afirmar que a dinâmica da sinodalidade está no centro do trabalho de renovação conciliar (CTI, n. 6). A sinodalidade expressa uma eclesiologia de comunhão (CTI, n. 54). A Igreja vive sua catolicidade sinodalmente, no testemunho de comunhão das Igrejas locais entre si e com a Igreja de Roma (CTI,

n. 64). Os fiéis são sujeitos ativos, participantes do único sacerdócio de Cristo e destinatários dos carismas concedidos pelo Espírito Santo em vista do bem comum. A celebração eucarística é fonte, ápice e alimento da sinodalidade, exprimindo o "nós" eclesial da *communio sanctorum* (CTI, n. 47).

*Sinodalidade é expressão de participação e de missão.* Para Aquino Júnior (2022, p. 9), "o processo de renovação/reforma eclesial proposto e conduzido por Francisco está estruturado em torno de dois aspectos fundamentais e inseparáveis do mistério da Igreja: missão e sinodalidade". A Igreja sinodal é participativa e corresponsável (CTI, n. 67). O sujeito do agir eclesial na sinodalidade é a comunidade como um todo, no seio da Igreja paroquial e diocesana. Todo cristão enquanto "sujeito ativo de evangelização" (EG, n. 120) tem a missionariedade como elemento constitutivo à sua própria identidade (EG, n. 273). As diversas tarefas pastorais em curso nas comunidades eclesiais podem e devem ser exercidas por todos os cristãos em decorrência própria do batismo, segundo *Apostolicam Actuositatem* (AA, n. 3) e *Lumen Gentium* (LG, n. 33). Nesse sentido, a sinodalidade incentiva a ativação dos carismas e dos ministérios a serviço da evangelização.

*Sinodalidade é expressão de abertura à ação do Espírito Santo.* O cristianismo, em sua vertente ocidental, deixou-se configurar por um forte domínio da razão, e também por uma forte influência de uma eclesiologia jurídica. A presença ativa do Espírito Santo na construção e na vida da Igreja, mais valorizada na tradição oriental, não recebeu no Ocidente seu devido reconhecimento. A vida cristã é impulsionada pelo Espírito Santo, de acordo com Gálatas, (Gl 5,25) que fundamenta a comunhão de todos os membros da Igreja, conforme 2 Coríntios (2 Cor 13,13) e faz da Igreja o seu "templo", segundo 1 Coríntios (1 Cor 3,16ss; 2 Cor 6,16). A diversidade dos carismas provindos do mesmo Espírito Santo (1 Cor 12,4) incide na vida da Igreja. A ação do Espírito é responsável pela configuração institucional da comunidade, inspira estruturas e dinamismos de mediação. Uma Igreja estruturada pela própria ação do Espírito Santo é uma Igreja na qual todos os seus membros

possuem igual dignidade e são membros ativos na missão evangelizadora que constitui o sentido último da própria Igreja. É o carisma que confere ao cristão uma "autoridade" (*exusia*) em vista da missão. Ação do Espírito Santo, *nexus amoris* na vida intratrinitária (CTI, n. 46), é o princípio da sinodalidade (2 Cor 13,13), conferindo confiança, docilidade, abertura e coragem para que a Igreja entre no horizonte amplo do Reino de Deus e seja no mundo um sacramento de Deus.

*Sinodalidade é expressão do sensus fidei.* Por meio do sentir sobrenatural da fé do Povo de Deus, a totalidade dos fiéis é infalível *in credendo*: não pode enganar-se quando manifesta um consenso universal em matéria de fé e costumes (CTI, n. 56). O *sensus fidei* impede uma rígida separação entre *Ecclesia docens* e *Ecclesia discens* (FRANCISCO, 2015, p. 1140), já que todo o povo de Deus goza da unção que lhe concede a intuição para discernir os caminhos do Senhor para a sua Igreja. O *sensus fidei* permite colocar o discernimento pessoal e comunitário no centro dos processos e eventos sinodais. Em decorrência disso, *sinodalidade é expressão de escuta*. A sinodalidade consiste em promover um dinamismo de escuta em todos os níveis da vida da Igreja. Começa pela escuta do povo, que participa da função profética de Cristo, pois o que toca a todos deve ser tratado por todos, e culmina na escuta do Bispo de Roma, Pastor e Doutor de todos os cristãos.

*Sinodalidade é expressão de alteridade e de diálogo.* O mistério da Igreja, mesmo em sua dimensão institucional, está profundamente entrelaçado ao ser de Deus, que é relacional (ZIZIOLAS, 1997, p. 15-17). Pessoa é alteridade na comunhão e comunhão na alteridade; é identidade que emerge da relação. Quando o Espírito Santo sopra, cria não só bons cristãos individuais, mas um evento de comunhão (ZIZIOLAS, 2006, p. 5-6). É desafiante permitir ao diferente que se expresse na alteridade de sua voz. Mas, exatamente nisso está a capacidade de dialogar (CTI, n. 75) e de caminhar juntos. A Palavra (*Logos*) de Deus cria comunicação (*día-logos*) e inspira uma *cultura do encontro*.

Uma Igreja sinodal ouve e dialoga para adquirir novas perspectivas. O diálogo sinodal requer capacidade de estar-com, ser-com, sentir-com, viver-com, comungar (WOLFF, 2022, p. 47). Mais que destinatários, a missão tem interlocutores; mais que protagonismos individuais, a missão empenha toda a comunidade eclesial.

*Sinodalidade é expressão de diaconia e de solidariedade.* A sinodalidade tem sentido no *estar-com* e no *ser-com* quem sofre. É uma presença de *diakonia* à vida dos povos e do meio ambiente. A solidariedade é princípio e expressão da sinodalidade, orientando todo verdadeiro processo sinodal, expressando a concretude do caminho junto, rompendo com a cultura da indiferença, da insensibilidade e do descarte. A profecia sinodal consiste em caminhar juntos na direção da "fraternidade e a amizade social", tornando os cristãos mais conscientes a respeito da "dignidade da pessoa humana", como em *Dignitatis Humanae* (DH, n. 1). Trata-se da vivência do "amor social" (FT, n. 183), que enfrenta os problemas do mundo, renovando suas estruturas, promovendo a justiça.

*Sinodalidade é expressão de dinamismo e de processualidade pastoral.* A sinodalidade abarca todos os níveis da vida eclesial (CTI, n. 70): sujeitos, estruturas, processos e eventos sinodais. Em nível paroquial, através do CPP, do CAE (CTI, n. 84), do Conselho Missionário Paroquial (COMIPA) e demais conselhos pastorais. Em nível diocesano, através do sínodo diocesano, da cúria diocesana, do colégio de consultores, do conselho de presbíteros, do Conselho Diocesano de Pastoral (CDP), do CAE, do Conselho Missionário diocesano (COMIDI) e das assembleias diocesanas de pastoral. Em nível regional (CTI, n. 85-87), através das Conferências Episcopais e dos Conselhos Regionais das Conferências Episcopais. Em nível universal (CTI, n. 94-102), através do Concílio Ecumênico, do Sínodo dos Bispos, do Colégio dos Cardeais e da Cúria Romana. Uma Igreja totalmente sinodal supõe nova formação do clero e dos fiéis leigos, a fim de transformar mentalidades, mudar hábitos, tocar no imaginário de toda uma geração. Isso não ocorre com rapidez,

mas é expressão de processos que precisam ser iniciados e sustentados. Nesse sentido, é mais importante desencadear processos, confiando na ação do Espírito Santo, em vez de almejar resultados imediatistas.

*Sinodalidade é expressão de nova projeção pastoral,* enquanto promove a ação e a participação de toda a comunidade eclesial, numa relação sujeito-sujeito, e do exercício de um poder-serviço; na medida em que fomenta o discernimento comunitário e decisões partilhadas, em corresponsabilidade mútua (CTI, n. 76); dado que rompe com uma Igreja fechada em si mesma e articula uma Igreja inserida nas dinâmicas sociais hodiernas. Nesse sentido, *sinodalidade é expressão de nova gestão pastoral,* pois promove uma execução eficaz da ação pastoral, em que se repensa as estruturas caducas ou ultrapassadas e se cria novas estruturas, quando for o caso. Por isso, é prioridade a capacitação e a formação dos cristãos, especialmente dos fiéis leigos e leigas (CTI, n. 73) em vista do exercício dos ministérios e na corresponsabilidade pela gestão dos bens. A dinâmica sinodal oferece luzes para repensar a corresponsabilidade de todo o povo de Deus na vida e na missão da Igreja (FERREIRA, 2018, p. 394), inspirando a criação de estruturas de comunhão dinamizadas por organismos de globalização da ação, constituídos por assembleias e conselhos de pastoral, em diferentes níveis; e conduzidas por mecanismos de coordenação, constituindo equipes e responsáveis pelos diversos serviços pastorais e âmbitos eclesiais. Dois grandes desafios se impõem: a) na medida em que esses organismos e mecanismos são canonicamente facultativos, corre-se o risco de desvalorizá-los ou ignorá-los; b) a falta de subsidiariedade entre os diferentes âmbitos eclesiais, em que os âmbitos mais amplos não apoiam ou auxiliam os menos amplos, ou, quando há esse subsídio, não se trabalha a autonomia e a responsabilidade dos âmbitos mais básicos em relação aos mais amplos, o que dificultaria que a gerência e atuação da ação pastoral em contexto, numa sã descentralização do poder e no estabelecimento de uma mútua relação de apoio

e colaboração, e não simplesmente de controle.

Na prática, a edificação de Comunidades Eclesiais Missionárias, em espírito sinodal, é um grande desafio da Igreja contemporânea, pois toca questões importantes a nível teológico e pastoral. Contudo, faz pensar sobre a essência do ser e do agir da Igreja, a sua razão vocacional, sendo um tema relevante a ser aprofundado a nível teológico e pastoral. O pontificado de Francisco, com suas provocações pneumatológicas, tem sido inspirador e dinamizador dessa reflexão, e constitui uma oportunidade para a recepção criativa do Concílio Vaticano II e para a renovação da Igreja a nível mundial e local.

### Considerações finais

O Magistério do Papa Francisco, coerente com uma sensibilidade aos sinais dos tempos, em continuidade com o espírito do Concílio Vaticano II, convoca os cristãos a uma nova evangelização no interior da própria Igreja e a uma saída missionária em vista de uma transmissão renovada da fé. Atendo à crise de fé que acomete muitos cristãos atualmente, o atual pontífice instiga a uma reflexão teológica e pastoral que enfrente o problema da ruptura geracional na transmissão da fé e em uma iniciação à vida cristã mais consistente. Como muitos batizados não participam da vida da Igreja, a proposta é que evangelizadores com Espírito, que vivem a santidade no Espírito e encarnada, coloquem-se em missão para evangelizarem através de um novo anúncio e do testemunho de vida, com o auxílio do Espírito Santo.

Contudo, a vida cristã é uma vida em comunidade, sendo esta afetada por algumas tentações, antigas e novas – gnosticismo e pelagianismo – que impedem uma vivência pessoal e comunitária da santidade cristã. Tendo em vista isso, inspirando-se no itinerário do pontificado atual e em consonância com a tradição da Igreja latino-americana e brasileira, as atuais DGAE 2019-2023, que vigoram até 2025, promovem as CEM como ambientes de uma vivência mais capilarizada da comunhão, da participação e da missão eclesial, em dinâmica sinodal. Repensar os caminhos da

evangelização pelo viés das CEM é um grande desafio, pois mexe em estruturas estabelecidas e mentalidades arraigadas, e requer uma nova formação dos agentes de pastoral, desde leigos e leigas, até ministros ordenados.

### Referências

AQUINO JÚNIOR, F. Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja do Brasil 2019-2023. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v. 51, n. 3, p. 539-554, set./dez. 2019.

AQUINO JÚNIOR, F. Sinodalidade como "dimensão constitutiva da Igreja": retomando e aprofundando a eclesiologia conciliar. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, v. 82, n. 321, p. 8-23, jan./abr. 2022.

BALTHASAR, H. U. Teología y santidad. In: BALTHASAR, H. U. *Verbum Caro*. Tradução de Andres-Pedro Sanchez Pascual. Madrid: Guadarrama, 1964. p. 235-268.

BERNARD, C. A. *Introdução à teologia espiritual*. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2014.

BÍBLIA. Português. *A Bíblia de Jerusalém*. Nova edição rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2002.

BORRIELLO, L. Ascese. In: BORRIELLO, L. et al. *Dicionário de mística*. São Paulo: Loyola; Paulus, 2003. p. 111-118.

CATECISMO da Igreja Católica. São Paulo: Loyola; Paulinas, 2000.

COMMISSIONE TEOLOGICA INTERNAZIONALE. *La sinodalità nella vita e nella missione della Chiesa*. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2018.

CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Dogmática *Lumen Gentium*: sobre a Igreja. In: COSTA, L. (org.). *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965)*. 4. ed. São Paulo: Paulus, 2007. p. 101-197.

CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*: sobre a Igreja no mundo de hoje. In: COSTA, L. (org.). *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965)*. 4. ed. São Paulo: Paulus, 2007. p. 539-661.

CONCÍLIO VATICANO II. Declaração *Dignitatis Humanae*: sobre a liberdade religiosa. In: COSTA, L. (org.). *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965)*. 4. ed. São Paulo: Paulus, 2007. p. 411-429.

CONCÍLIO VATICANO II. Decreto *Ad Gentes*: sobre a atividade missionária da Igreja. In: COSTA, L. (org.). *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965)*. 4. ed. São Paulo: Paulus, 2007. p. 431-489.

CONCÍLIO VATICANO II. Decreto *Apostolicam Actuositatem*: sobre o apostolado dos leigos. In: COSTA, L. (org.). *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965)*. 4. ed. São Paulo: Paulus, 2007. p. 369-409.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja do Brasil 2019-2023*. Brasília: CNBB, 2019.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *Documento de Aparecida*: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. 3. ed. Brasília: CNBB; São Paulo: Paulinas; Paulus, 2007.

FERREIRA, A. L. C. A sinodalidade eclesial no magistério do Papa Francisco. *Atualidade Teológica*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 59, p. 390-404, maio/ago. 2018.

FRANCISCO, Papa. *Carta Encíclica Fratelli Tutti*: sobre a fraternidade e a amizade social. São Paulo: Paulinas, 2020.

FRANCISCO, Papa. Discorso in occasione della Commemorazione del 50.mo anniversario dell'Istituzione del Sinodo dei Vescovi. *Acta Apostolicae Sedis*, Vatican, n. 107, p. 1138-1150, 2015.

FRANCISCO, Papa. *Discurso do Papa Francisco à Cúria Romana na apresentação de votos natalícios*. Roma: Sala Clementina, 2018. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/december/documents/papa-francesco\\_20191221\\_curia-romana.html#:~:text=C3%80%20C3%BAria%20Romana%20por%20ocasi%C3%A3o.de%20dezembro%20de%202019%20%7C%20Francisco&text=C2%ABE%20o%20Verbo%20fez%20Se.as%20minhas%20cordiais%20boas%20Dvindas](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/december/documents/papa-francesco_20191221_curia-romana.html#:~:text=C3%80%20C3%BAria%20Romana%20por%20ocasi%C3%A3o.de%20dezembro%20de%202019%20%7C%20Francisco&text=C2%ABE%20o%20Verbo%20fez%20Se.as%20minhas%20cordiais%20boas%20Dvindas). Acesso em: 18 jul. 2023.

FRANCISCO, Papa. *Encontro privado com os sacerdotes da Companhia de Jesus*. Santiago do Chile: Santuário de San Alberto Hurtado, 2018. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2018/january/documents/papa-francesco\\_20180116\\_cile-santiago-gesuiti.pdf](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2018/january/documents/papa-francesco_20180116_cile-santiago-gesuiti.pdf). Acesso em: 18 jul. 2023.

FRANCISCO, Papa. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulinas, 2013.

FRANCISCO, Papa. *Exortação Apostólica Gaudete et Exultate*: sobre o chamado à santidade no mundo atual. São Paulo: Paulinas, 2018.

GALOT, J. Graça. In: BORRIELLO, L. et al. *Dicionário de mística*. São Paulo: Loyola; Paulus, 2003. p. 462-464.

GOMES, T. F. A missão da Igreja em tempos de pandemia. *Encontros Teológicos*, Florianópolis, v. 36, n. 2, p. 337-353, maio/ago. 2021.

GOMES, T. F.; BRUSTOLIN, L.; DALL OSTO, L. L. O caminho da Igreja: primado, colegialidade e sinodalidade. *Revista Pistis & Praxis*, Curitiba, v. 15, n. 1, p. 83-95, 2023.

MIELE, M. La sinodalità nell'ecclesiologia di Papa Francesco. *Scientia Canonica*, Florianópolis, v. 3, n. 6, p. 159-188, jul./dez. 2020.

MIRANDA, M. F. Espírito Santo e sinodalidade. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, v. 82, n. 321, p. 24-44, jan./abr. 2022.

PAULO VI, Papa. *Exortação Apostólica Evangelii Nuntian-di*: sobre a evangelização no mundo contemporâneo. 20. ed. São Paulo: Paulinas, 2008.

TANQUEREY, A. *Compêndio de teologia ascética e mística*. Campinas: Ecclesiae, 2018.

WOLFF, E. Diálogo e sinodalidade na ação missionária da Igreja: perspectivas a partir do sinodo da Amazônia. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, v. 82, n. 321, p. 45-65, jan./abr. 2022.

ZIZIOLAS, J. D. *Being as Communion: Studies in Personhood and the Church*. New York: St. Vladimir's Seminary Press, 1997.

ZIZIOLAS, J. D. *Communion and otherness: Further Studies in Personhood and the Church*. London: T&T Clark, 2006.

---

## Tiago de Fraga Gomes

Pós-Doutor pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, RS, Brasil, com estágio pela Ruhr-Universität Bochum (RUB), Bochum, Alemanha. Professor e Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, RS, Brasil. Secretário Nacional da Comissão para a Doutrina da Fé da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), Brasília, DF, Brasil.

---

## Antonio Luiz Catelan Ferreira

Pós-Doutor pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Doutor em Teologia Dogmática pela Pontifícia Universidade Gregoriana (PUG), Roma, Itália. Professor Associado da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Membro da Comissão Teológica Internacional (CTI), Vaticano. Membro da Comissão para a Doutrina da Fé da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), Brasília, DF, Brasil. Bispo Auxiliar da Arquidiocese do Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

---

## Patrícia Ribolli Fachin

Mestra em Filosofia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, RS, Brasil. Mestranda em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, RS, Brasil.

---

## Endereço para correspondência:

### Tiago de Fraga Gomes/Patrícia Ribolli Fachin

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
Escola de Humanidades – Programa de Pós-Graduação em Teologia

Av. Ipiranga, 6681

Partenon, 90619900

Porto Alegre, RS, Brasil

**Antonio Luiz Catelan Ferreira**

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro  
Departamento de Teologia – Programa de Pós-Graduação em Teologia  
R. Marquês de São Vicente, 225  
Gávea, 70390140  
Rio de Janeiro, RJ, Brasil

*Os textos deste artigo foram revisados pela Texto Certo Assessoria Linguística e submetidos para validação dos autores antes da publicação.*